



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO
PARTICIPATIVA**

PRESIDENTE: MARIO COVAS NETO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 27/03/2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Transcrição *ipsis verbis*
- Lista de participantes não fornecida
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Qualidade de som incompatível com a transcrição
- Início da reunião não gravado
- Intervenção, expressão ou palavra ininteligível/inaudível
- Intervenção simultânea ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens
- Tumulto
- Suspensão
- Exposição em língua estrangeira
- Exposição com audiovisual, podendo causar a indeterminação do texto
- Documento lido a ser encaixado pela Secretaria da Comissão
- Seqüência descontínua por trecho não gravado
- OUTRAS OCORRÊNCIAS DE RELEVÂNCIA PARA O REGISTRO

A SRA. PRESIDENTE (JANAÍNA LIMA) – Boa tarde a todos. Declaro abertos os trabalhos da 2ª Audiência Pública que a Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa realiza no ano de 2017, tendo por objetivo expor e debater o seguinte projeto : PL 27/2017, de autoria da Vereadora Janaina Lima que dispõe sobre as diretrizes a serem observadas pelo Poder Executivo na elaboração de políticas públicas de primeira infância, e dá outras providências.

Informo que essa reunião está sendo transmitida através do portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.camara.sp.gov.br link Auditorios on line.

Espero contar com a participação e a interação de todos os cidadãos paulistanos e quero agradecer a presença de todos vocês que se fazem presentes para poder implantar uma política pública de primeira infância transformadora e inovadora, a fim de garantir os futuros das próximas gerações.

Assim, abro a palavra, dez minutos, para aqueles que querem se cadastrar e ter direito à voz. (Pausa)

Enquanto as pessoas se inscrevem, vou fazer a composição da Mesa. Gostaria de chamar para ocupar os assentos as Sras. e os Srs.: Vinicius Poit, Maria Isabel Rodrigues Teixeira, Valdir Cimino – por favor nos dê a honra de sua presença -, Thabata Barbosa, Dialize Vieira. Temos a honra de contar aqui, hoje, com 4 pessoas da PUC. Há mais alguém que gostaria de compor a Mesa? (Pausa) Por favor. Sr. Douglas Cândido, Rogério Porta e Fábio Siqueira.

Encerradas as inscrições, passarei primeiramente a palavra a todos os que compõem a Mesa e que desejam se manifestar em relação ao tema.

Pode começar, Sra. Maria Isabel.

A SRA. MARIA ISABEL RODRIGUES TEIXEIRA – Boa tarde a todos. Agradeço a oportunidade de fazer parte dessa Mesa. Acho que o tema Educação Infantil é de extrema

importância. Já não era sem tempo que alguém apresentasse um projeto abordando esse assunto. Acho que, do jeito que o projeto está, há muito que se trabalhar, mas é um começo. E graças a Deus temos a Janaína para começar esse trabalho.

Acho que Educação é o principal, realmente, não tem mais o que dizer sobre isso.

A SRA. PRESIDENTE (JANAÍNA LIMA) – Só se apresenta, por favor, Isabel.

A SRA. MARIA ISABEL RODRIGUES TEIXEIRA – Eu sou engenheira. Na verdade, alguém pode pensar: o que essa mulher sabe de Educação. Eu tenho três filhos, sou cidadã e tenho experiência de vida. E acho que a contribuição que eu tenho para dar, na verdade, é na parte de bom senso. Obrigada.

O SR. VINICIUS POIT – Boa tarde a todos. Sou o Vinícius Poit, sou empreendedor aqui da cidade de São Paulo, e é um privilégio ter pessoas como você, Janaína, nos representando e se preocupando com uma faixa etária, com uma parte da vida das pessoas que, às vezes, a gente não nota, mas é ali é que forma e que pode selar o destino da criança, do adulto, para sempre. Se não tem uma boa formação, tanto na educação como nutricional, não tem uma formação fisicamente mesmo... Então esse projeto de lei é de extrema importância.

Quero atentar para a parte que você fala, que é a desnutrição; e, depois, até como contribuir.

Tem uma ONG que a Prefeitura já apoia – Centro de Recuperação e Educação Nutricional – e que é focada na desnutrição infantil. Que não adianta ter uma ótima educação e um projeto de lei, se a criança não comer bem, não se alimentar, para poder ter condições de formação cerebral e tudo o mais. Então eu vi que você está aqui, e eu fico feliz.

Agradeço a oportunidade.

A SRA. DJAILZE PASSITO (?) – Meu nome é Djailze Passito, sou fonoaudióloga, graduada pela PUC em 87, então vou para 30 anos de experiência na área. E o que me trouxe aqui, além de conhecer você, Janaína, porque estou acompanhando o seu trabalho e estou

muito feliz com o que você tem feito e o que você tem proposto para a cidade de São Paulo, é essa preocupação do quanto é importante a base que a criança precisa ter. E a criança, se não fala bem, não se constitui como sujeito equilibrado. Então a preocupação com a saúde da comunicação das crianças é que me traz aqui, e, paralelamente a isso, o cuidado com as crianças especiais. Trabalho com autistas há 30 anos e vejo o quanto eles estão esquecidos na nossa cidade, o quanto as famílias precisam de suporte para elas no trabalho de desenvolvimento das crianças. Então criança é a minha paixão, e crianças até seis anos é a minha paixão maior.

O SR. FÁBIO SIQUEIRA – Boa tarde a todos e a todas, municípios de São Paulo; boa tarde, nobre Vereador Janaína Lima, líder do Partido Novo nesta Casa; boa tarde aos estudiosos e professores presentes.

Meu nome é Fábio Siqueira, sou advogado e sociólogo e há mais de dez anos estudo a questão orçamentária da cidade de São Paulo, com especial nas prioridades das regiões menos desenvolvidas, mais carentes. Participo do Conselho do Orçamento Participativo, de várias entidades e movimentos que tratam dessa questão.

Queria dar um exemplo da importância da creche da criança de 0 a 6 anos com um dado muito objetivo da gestão passada.

Vocês conhecem o Mapa da Exclusão, publicado no dia 15 de maio de 2003 no Diário Oficial. De acordo com esse mapa, das seis prefeituras regionais mais carentes na questão da infância, acreditem ou não, três das seis não tiveram nenhuma creche inaugurada na gestão Haddad. Será possível acreditar numa questão dessa? Estou falando de creche direta. Creche indireta, como não pertence à rede pública oficial da Prefeitura, é importante, mas não é da rede.

É lamentável que, de 2013 a 2016, Guaianases, Perus e Cidade Ademar, que acho que ninguém duvida que são três áreas extremamente carentes da cidade de São Paulo, não tenham tido nenhuma creche inaugurada. Então é muito bem-vindo um projeto de lei que busca proteger os direitos das crianças, e que talvez vá além, vá dizer da questão orçamentária também, porque não adianta ter o orçamento e regiões não tão carentes como Pinheiros receberem uma creche e Pedreira não receber nenhuma. Então o critério da priorização orçamentária das regiões carentes deve nortear qualquer projeto nesta Casa. É claro que as regiões nobres merecem a atenção dos Srs. Vereadores, mas os carentes merecem muito

mais. Essa é a primeira reflexão que eu queria trazer, da questão comparativa do mapa da exclusão, da avaliação da gestão Haddad na questão de creche, especialmente nas regiões mais carentes.

Obrigado.

O SR. DOUGLAS CÂNDIDO – Boa tarde a todos. Sou da Guarda Civil Metropolitana de São Paulo. Sou mediador e conciliador. Quero agradecer a nobre Vereadora por me deixar participar deste evento que, para mim, é muito importante. Agradeço ao pessoal da Mesa, que acho que a diversidade é o mais importante.

Saber um pouco de cada um é muito válido, porque lido há 30 anos com esse problema de creche. Nada melhor do que nós, da Guarda Civil, que trabalhamos em conjunto. E, depois, é aquele caso: Têm as crianças e, depois, na mediação que a gente faz, faz a separação. Acho que a ideia não é essa, acho que a nobre Vereadora está no caminho correto. No que precisar, trabalharemos em conjunto para agilizar.

Obrigado.

A SRA. TÁBATA BARBOSA – Boa tarde. Sou Pedagoga de formação, sou educadora há mais de dez anos. Sou especialista em Sociologia da Educação e em Inteligência Emocional, e este é um projeto que me alegra muito porque, pela primeira vez, se vê um projeto que não entende a criança como partes, mas entende a criança como um todo. Ele entende a criança como educação, que se entende como a parte cognitiva, também a parte social e emocional, que são aspectos muito importantes a serem desenvolvidos, principalmente com as crianças pequenas, e que não são desenvolvidos em sua totalidade dentro das escolas.

É um projeto que fala também de saúde, porque como que a gente vai conseguir educar crianças sendo que elas não têm a alimentação básica necessária para se desenvolver de todas as formas que citei. Então, este projeto me alegra muito por ver a criança como um

todo.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Peço licença para chamar a Sra. Maria Cecília Parasma para compor a Mesa. É uma honra.

O SR. VALDIR CIMINO – Boa tarde a todos, Vereadora Janaína, agradeço pelo convite. Há 20 anos, fundei uma associação que se chama Viva e Deixe Viver, onde a gente capacita voluntários para serem contadores de história em hospitais. A gente faz um trabalho muito próximo com a educação, a gente atua com a classe hospitalar. Esses voluntários, em média, doam 10 horas por mês. É um curso que, de uma certa forma, oferece um envolvimento de como lidar com a saúde.

Hoje são 1200 voluntários em todo o Brasil, dos quais 600 estão em São Paulo; e a gente vem trabalhando fortemente a criança e o adolescente. Só que nós percebemos que o nosso voluntário registra isso num diário digital no Brasil, a cada participação dele, e a gente vem traçando o perfil não só do voluntário, porque hoje não estamos só capacitando voluntários, mas também professores que estão nos procurando, profissionais da área da saúde que querem melhorar sua relação interpessoal com a criança, favorecendo a alimentação. Então, a gente já tem pesquisas dentro desse escopo: 68% do público que a gente atende é criança de zero a seis anos.

A ONG também começou a desenvolver, nos últimos anos, conteúdo adequado para fortalecer o elo da leitura, do brincar, dentro da saúde. Acabei de sair do Paula Souza, e estamos desenvolvendo um projeto para envolver as Prefeituras, para levarmos a contação de histórias para creches e outros âmbitos, onde a criança, de fato, precisa de atenção.

Acho que é isso.

A SRA. PRESIDENTE (Janaina Lima) – Peço licença para chamar, a minha esquerda, os Srs. Rogério Mônaco e Itamar Moreira para comporem a Mesa. (Pausa)

A SRA. MARIA CECILIA DE ALMEIDA PARASMO – Meu nome é Maria Cecília de Almeida Parasmo. Agradeço o convite da Janaina e a parabenizo pelo trabalho maravilhoso que vem desenvolvendo em relação a esse projeto que foca na criança.

Como eu dizia, sou Psicanalista de orientação lacaniana e me dedico a primeira infância, sabendo que se trabalharmos com essa crianças desde o nascimento estaremos prevenindo problemas futuros, porque a criança, como já foi dito nesta mesa, bem tratada, bem alimentada, com carinho e atenção, tudo indica que será uma criança feliz no futuro, com capacidade para estudar, para se desenvolver, então, essa questão de creches para que as mães possam trabalhar, para facilitar a situação da família, é uma realidade, mas o foco mesmo tem que ser a criança, porque ela é apoiada pela lei e tem o direito de ser atendida em todas as suas necessidades e em todas as suas questões.

Para terminar, eu gostaria de dizer que, com o avanço da neurociência, está comprovado que a criança precisa de uma interação com o adulto desde o seu nascimento. Na verdade, até ainda na barriga da mãe. Ela precisa de interação, de carinho, de afeto, para desenvolver o potencial dos neurotransmissores e para desenvolver a sua inteligência plenamente. Se não, ela vai ficar logo ao nascer prejudicada dessa possibilidade que ela tem, o seu direito de se desenvolver.

Para terminar mesmo, para esse país que está bem caótico, com todos nós estamos percebendo, estamos numa situação sociopolítica muito delicada, precipuamente, política, a criança é a salvação do Brasil.

Quer dizer, investir nas nossas crianças com responsabilidade, parar com o blá-blá-blá realmente e verificar se as coisas estão acontecendo, oferecermos creches para todas, meu Deus, esse país, daqui a uns 20 anos, estará melhor!

O SR. ROGÉRIO MÔNACO - Boa tarde, Vereadora Janaina; boa tarde a todos.

É um prazer ser chamado para esta Mesa.

Meu nome é Rogério Mônaco. Sou pai de família e tenho duas filhas na primeira

infância. Sou empresário e estudioso do tema.

Estudo o tema porque acho que é o tema que resolverá o problema do nosso país. Não adianta falarmos de quantas pessoas não completam o ensino médio, não adianta falarmos de problemas no ensino superior, se nós não conseguimos tratar de forma séria o principal problema da nossa sociedade que é uma educação complementar da escola com a família, que é a preparação de uma base orientadora que vai formar a criança no seu psíquico, no emotivo, no motor e no seu cognitivo. A primeira infância é a principal fase da vida de qualquer ser humano.

Se nós não dermos atenção a esta fase da gestação aos seis anos de vida, nós não conseguiremos formar um cidadão na sua capacidade plena para a sociedade, para agregar valor a esse cidadão no decorrer do seu construir de vida.

Então, é um tema importantíssimo.

É de extrema relevância engajar o orçamento do Executivo, com foco na primeira infância.

Eu acho que é o caminho certo para a gente começar, neste momento, em São Paulo, através desse projeto de lei, melhorar a nossa sociedade.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Antes do nosso querido amigo Itamar falar, vou pedir para vir compor a mesa o Armando Broggi e Roberta Landi, por favor.

O SR. ITAMAR – Boa tarde Janaína, boa tarde a todos. É um imenso prazer fazer parte desta mesa também, venho de uma comunidade no Distrito do Jardim Ângela, especificamente. É um dos distritos onde Janaína também fez parte.

Lá no Jardim Ângela eu atuo dentro da pasta da Assistência Social, que é mais a oferta para criança e adolescente, do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, na

modalidade CCA. Quase todos devem compreender o que é um Centro de Crianças e Adolescentes. É claro que ainda falta muito para a gente começar a atender a primeira infância.

Então, Janaína, eu vi que o projeto contempla, como a nossa amiga falou há pouco, não só a saúde, mas a assistência social também está envolvida. Isso completa toda uma gama de serviços de políticas públicas que creio são necessárias para a nossa cidade.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Fernanda Buzato, por favor, venha compor a mesa.

O SR. ARMANDO BROGGI - Bom dia Vereadora, bom dia senhores da mesa.

É com bastante interesse que eu, represento o Grupo de Trabalho do Força Fumcad, que congrega umas 50 organizações da sociedade civil que estão focadas, especialmente, nessa questão da criança e do adolescente.

Estamos aqui hoje acompanhando esta audiência porque, realmente, é um assunto de suprema relevância para o nosso país, que a primeira infância, especialmente, tenha todo respeito e atenção necessários, para que tenhamos no futuro cidadãos melhores e também com melhor saúde, inclusive, porque daí, no fim das contas, a gente sabe que tendo boa saúde e boa educação, os custos públicos também vão cair bastante.

A gente só tem vantagens em poder apoiar um trabalho como esse, inclusive - desculpem, cheguei um pouco atrasado -, mas uma das coisas que me deixa preocupado é que há um programa lançado pelo Governo Federal que cuida da primeira infância. Assisti o lançamento desse programa no Palácio do Governo, mas surpreendentemente no Município ele não foi aceito.

Essa é uma situação bastante preocupante e demonstra – a sensação que me dá, enquanto cidadão – que às vezes as pessoas deixam de pensar no foco principal que é a

criança e o adolescente e ficam mais preocupados com as suas disputas pessoais e políticas, que acabam atrapalhando lá na frente.

Na verdade, o nosso movimento nasceu em função justamente de problemas na Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, por conta da não realização de projetos aprovados. A gente está vendo que isso está se replicando em vários setores da nossa cidade e nós estamos focando em todos esses, para poder acompanhar e melhorar o atendimento à criança e ao adolescente.

Muito obrigado.

A SRA. ROBERTA LUNDI – Meu nome é Roberta Lundi, eu trabalho em uma associação, em um serviço de acolhimento. A Associação se chama Maria Helen Drexel e tem um diferencial que é serviço de acolhimento em modalidade de casa-lar. A associação existe há 43 anos, mas no ano passado foi a primeira vez que a gente conseguiu abrir um edital para que atendesse essa modalidade que a gente sempre acreditou muito, que é o serviço de acolhimento para crianças de zero a 17 anos e 11 meses, mas com 10 crianças em cada serviço. A gente conseguiu participar de um primeiro edital.

A gente já tinha cinco casas, então, a gente atende 50 crianças, mas duas só conveniadas em experiência com a Prefeitura de São Paulo. É óbvio que é muito importante para a gente e a gente gostaria muito de trabalhar essa primeira infância nos serviços de acolhimento que a gente tem um problema com todos de creche, a gente tem um problema de bebês, a gente tem muitos bebês por causa do problema da droga. Então, estamos muito preocupados com esse desenvolvimento porque a gente acaba vendo, depois, todas as crianças na juventude, na adolescência e a gente não consegue...o buraco é muito lá embaixo.

Então, estou extremamente preocupada e muito animada com tudo que diz da primeira infância e toda essa iniciativa. Gostaria de agradecer e estamos super dispostos a trabalhar juntos e fazer o que for possível para tentar mudar essa realidade porque é muito

complicado nos serviços de acolhimento esse assunto também.

Então, queria agradecer a chance que foi dada para falar sobre isso. Obrigada.

A SRA. FERNANDA BUSATO – Boa tarde. Meu nome é Fernanda Busato, eu não esperava ser chamada para a Mesa, mas trabalho no Instituto Acaia e prestamos um serviço social para a comunidade das favelas em volta do Ceasa. Nós trabalhamos com crianças a partir de três anos. Eu vim acompanhar a discussão e se eu puder agregar em alguma coisa.

A SRA. PRESIDENTE (Janáina Lima) – Quero agradecer a fala de todos. Só gostaria de dizer do carinho e o amor que foi colocado em cada palavra desse projeto. Esse projeto foi muito reforçado em tudo o que eu aprendi, semana passada, eu tive a oportunidade de fazer um curso de formação de liderança executiva em primeira infância, em Harvard. Lá a gente começou a discutir desde a formação do cérebro até o desenvolvimento cognitivo, emocional, social, a formação do caráter, como essa criança vai desbravar e conhecer novos horizontes e como a gente pode fazer com que cada criança seja dona de seu destino, tenha uma história própria, tenha uma identidade própria e, mais do que isso, que ela não seja um número na política pública e que ela realmente seja vista com a singularidade, com a complexidade que ela merece e que, de fato, ela seja um ser integrado.

Como a Tábata disse, que ela de fato seja vista não como uma criança na Saúde, como uma criança na Educação, como uma criança na Assistência, mas que seja vista de verdade como a integralidade que ela merece ao ser olhada pela política pública.

Eu gosto sempre de contar que eu nasci no Capão Redondo como o Itamar disse e me auto alfabetizei dentro de uma creche. Então, eu sei o que uma política pública pode fazer na vida de alguém.

Então, hoje eu tenho muita alegria de propor um projeto como esse para que esta Casa tenha muitos e muitos Vereadores ocupando a Mesa e muitos espaços de poder no

nosso País sendo transformados e empoderados por uma política pública eficiente e transformadora e muito feliz de contar com cada um de vocês na construção desse projeto. Que a gente, de fato, abrace isso aqui e quero agradecer a fala da Roberta no sentido de se colocar à disposição. E eu quero dizer que é isso, o nosso gabinete está de portas abertas, mais do que portas abertas, com o coração aberto para ouvir todas as pessoas que de fato querem ser parte dessa política transformadora e como de fato os nossos braços sejam uma extensão do outro para que a gente possa de verdade construir um caminho transformador e revolucionário na política de primeira infância.

Assim, eu quero dar voz agora a todos aqueles que se inscreveram. Eu vou pedir para que as pessoas apresentem as suas perguntas. Três perguntas e nós vamos respondendo de três em três. Então, vamos fazer de duas em duas porque somente quatro pessoas se inscreveram. Vou começar pelo Sr. Fabio Siqueira e pelo Sr. Rogério Porte. Por favor.

O SR. FABIO SIQUEIRA – Bom, na minha primeira intervenção ressaltar realmente um projeto bastante interessante, também registra a nossa colega aqui da região do Ceasa. Lamentavelmente, nem Jaguaré e nem Vila Leopoldina receberam nenhuma creche nos últimos quatro anos. Eu sei que a situação de pobreza lá infelizmente aumenta bastante, tanto que tem um CEU lá na Jaguaré, tudo. Realmente é uma área de bastante vulnerabilidade. Não parece, porque a região da Lapa é sempre vista como área nobre, Alto da Lapa, Vila Romana, Pompeia, mas não é verdade. Tem essa parte realmente próxima ao Ceagesp de bastante carência, é só ir lá e verificar.

Queria sugerir para a inclusão desse projeto um assunto que anda um pouco esquecido na cidade de São Paulo por culpa exclusiva dos seus governantes, já há pelo menos dez anos, que é a questão da cultura. E é a cultura atinente a essa faixa de zero a seis anos. De acordo com documentos do próprio departamento de bibliotecas infantis da Cidade, a partir dos três anos a criança já pode ler, já está apta a ler um livro de literatura infantil. E, infelizmente, a gestão de José Serra sumiu com as bibliotecas infanto-juvenis nos bairros de São Paulo. É uma coisa muito séria, muito triste e até foi, na minha opinião, um desserviço da Municipalidade para com a leitura, que isso a cidade de São Paulo fez muito bem até 2005. Ou

seja, a questão das bibliotecas ramais infantis e infanto-juvenis.

Queria, então, pedir, solicitar a inclusão de uma questão da leitura. Que seja, na literatura infantil, atinente a essa idade de três a seis anos, que já pode ler livros e o Brasil é tão rico em autores infantis, infanto-juvenis, premiados até no estrangeiro. Infelizmente parece que nesses últimos 11 anos a cidade de São Paulo tem dado um gol contra a essa importante tradição da cultura e da literatura infantil. Queria, na área da cultura, abordar essa questão do livro infantil e de sua difusão na biblioteca. Chegou-se ao cúmulo de tirar o nome da bibliotecária Ofélia França da biblioteca da Aclimação, que foi diretora do departamento, nos anos 70, de bibliotecas infantis e livros educativos. Ou seja, a questão da educação e do cinema historicamente foi ligada à questão do livro infantil.

Então, queria deixar esse registro aqui, até um registro histórico em relação a essa questão. Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Tem a palavra o Sr. Rogério.

O SR. ROGÉRIO – Boa tarde a todos. meu nome é Rogério, sou gestor público. Em fins de 2016, a Vereadora Juliana Cardoso apresentou o PL 1585/2016, que era uma proposta de um plano municipal pela primeira infância.

A dúvida é: como o atual PL se relaciona com essa proposta de construção de um plano municipal pela primeira infância, de iniciativa da Vereadora Juliana Cardoso?

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) - Quero agradecer ao Fábio e ao Rogério. Fábio, cultura está ligada, vamos criar um projeto instituindo dentro do calendário de São Paulo, a Semana do Brincar.

A Semana do Brincar é um movimento mundial e muitos e muitos países já aderiram à Semana do Brincar. E vamos propor aqui na Casa a inclusão da Semana do Brincar que é exatamente isso, potencializar a simplicidade do brincar da criança que não exige novas estruturas, não exige nada de excepcional.

É simplesmente essa relação da parentalidade que a Maria Cecília abordou, a

interação com os seres humanos, o adulto e a criança, essa relação, essa troca intergeracional que desenvolve e traz um novo olhar para essa criança. E fazendo com que a criança seja estimulada.

É uma coisa pertinente para pensar como poderíamos então incluir isso dentro desse projeto de lei, mas achei interessante também saber dessa outra proposta que vamos apresentar em breve.

Rogério, eu vi sim o projeto de lei da Vereadora Juliana Cardoso que, inclusive, é coautora comigo na Frente Parlamentar de Defesa dos Direitos da Mulher. Ainda não conversamos sobre o projeto, de todas as sinergias que os dois projetos podem ter.

Na verdade, esse projeto pensa em criar diretrizes claras e que possamos, inclusive, fazer parcerias a partir desse projeto para que de fato a escala que a Educação Infantil, principalmente de primeira infância precisa ganhar no Executivo, possa ser atendida e contemplada por essas diretrizes.

Mas tenho absoluta certeza que há muitas sinergias dentro do plano municipal, mesmo porque traz muito em referência ao marco, o plano nacional trazendo para a esfera municipal o que o plano nacional já dispõe sobre a primeira infância. Tem muitas sinergias e com certeza estaremos trabalhando juntas em tudo que for em defesa das nossas crianças e do futuro da nossa Cidade.

O SR. _____ - Só para fazer um comentário, ele falou sobre as bibliotecas infantis, não sei se talvez por causa dessa lacuna criada, tenho conhecimento de inúmeras organizações sociais que têm criado suas próprias bibliotecas infantis e que de certa forma acabam facilitando porque são mais descentralizadas.

Podem não ser tão completas quanto algumas bibliotecas municipais, mas são bem descentralizadas e bem localizadas. Por exemplo, em Paraisópolis, conheço duas ou três e assim por diante.

Então talvez uma forma de incentivar seria justamente conseguir fazer parcerias

com organizações sociais, mesmo porque – aqui vai um comentário pessoal meu – acho que infelizmente precisa de uma ajuda para a criançada começar a ler, porque na escola aprende o A, B, C, mas para pegar o traquejo...

E vejo nessas organizações, há sempre pessoas que estão contando histórias juntos, lendo. Isso facilita muito e atrai o prazer pelos livros. Só ter a biblioteca, e a gente conhece que infelizmente quando o poder público põem uma biblioteca, ele pode até montar uma bela biblioteca etc., mas depois, na parte de recursos humanos, tudo isso é complicado, porque recursos humanos para o governo é sempre difícil. Eu sempre falo que comprar a Ferrari é fácil, pagar o Schumacher que é difícil. Então o RH é um problema sério e trabalhando em parceria com as organizações sociais isso pode dar uma alavancada bem grande nisso. Essa é uma sugestão.

A SRA.

— Eu discordo só um pouco de você quando diz que uma criança de três anos já sabe ler. Criança tem que brincar, brinca muito, muito, muito, porque, infelizmente, no nosso País, a leitura nas escolas e a leitura na biblioteca foi instrumento de formação intelectual para essas crianças para servir o que se propunha no governo numa forma de ver população, numa forma de ver cidadania. Então assim, eu trabalho com escola tanto pública quanto particular, eu vejo que a leitura para a criança é toda direcionada para um conceito de formação daquilo que eu quero enquanto sistema. Essa criança, lendo essa leitura, ela vai servir a esse sistema que está aí, que estava aí. Então essa é minha primeira colocação, eu sou contra essa coisa de criança ler cedo, criança tem que brincar.

Quando você fala do envolvimento da família, uma criança que tenha um pai e uma mãe que seja estimulada a leitura de qualidade, ela vai querer ler. A leitura faz parte da relação e da convivência familiar Então isso a gente precisa investir. Tem uma escola em Perdizes, eu moro em Perdizes, ela chama Bakhita, e ela teve uma ideia fantástica há quatro anos. Ela colocou algumas prateleiras na porta da escola e tem livros para que a gente do entorno, qualquer pessoa que quiser pega o livro, leva para casa, lê, devolve. Você traz livro e coloca lá.

Você leva e devolve. Todo dia de manhã a escola coloca essas prateleiras lá e as pessoas da região dão livros, recebem livros. Isso está funcionando há quatro anos. Um pouco mais para a frente do número da escola ela colocou uma horta comunitária, pegou garrafa PET e colocou na murada da escola plantação de um monte de coisas, que as crianças podem plantar.

Então o meu olhar para a cidade de São Paulo é esse olhar de que a gente consiga ao esperar tanto do poder público e observar o que cada um de nós pode fazer no nosso entorno. Eu vou contar da minha experiência. Eu tenho uma clínica em Perdizes, um bairro nobre de São Paulo, eu moro em Perdizes, eu precisava fazer alguma coisa pelas crianças que precisam de fono e não podem pagar o meu serviço, o que eu fiz? Eu criei um atendimento social na minha clínica. Então a criança que vai e que paga, ela tem o mesmo atendimento daquela criança que não pode pagar. Eu não consigo atender muitas, mas eu criei dez vagas como fonoaudióloga, os meus colegas psicólogos criaram dez vagas para crianças que não podem pagar o tratamento. Se cada um de nós fizer um pouquinho, Vereadora Janaina, é por aí que eu acredito que a gente pode mudar São Paulo. Esperar do poder público, o poder público não tem como fazer isso. Acho que precisa gastar melhor o dinheiro, precisa com gastar, a gente pode investir. Mas eu venho aqui como cidadã dizer o que eu posso fazer pela minha Cidade, pelas minhas crianças. Eu não quero esperar nada do poder público, eu quero contribuir com aquilo que eu tenho.

O SR.

– Deixe eu polemizar um pouco, porque conheci Tatiana Belinck e ela disse que foi alfabetizada aos três anos de idade, alfabetizada porque ela queria, porque ela tinha uma família extremamente favorável. Nós realizamos uma pesquisa há dez anos, a gente vai replicar ela agora no Instituto de Psiquiatria das Clínicas, onde atuamos há dez anos, e a gente percebeu que não adianta cuidar de uma criança se você não está cuidando dos pais dessa criança; 70% dos pais dessas crianças não leem e não brincam mais. Jogam-na dentro de uma caixa, dão um *tablet*, dão algo para ela se distrair. Há dez anos estamos transformando os pais em terapeutas de seus próprios filhos. Esse é um trabalho

desenvolvido com diversos... quer dizer, os próprios profissionais do Instituto de Psiquiatria acreditaram no trabalho e viram essa possibilidade.

O mês de maio é o mês de brincar. Já há vários movimentos. O próprio Viva, há dez anos, fecha o Instituto de Psiquiatria e, durante dois dias, mostramos o que pode, o que dá, o que deu certo. Quer dizer, estamos desenvolvendo essa prática muito sob a égide da leitura. Trabalhei dez anos na Rede Globo de televisão e eu sei quanto tempo um brasileiro fica em frente a um aparelho de TV e quanto nada em frente a uma leitura. Eu fui educado no sentido que a leitura tinha de ser uma obrigação. Então, ainda trazemos esse conceito da obrigação da leitura.

Estamos desmistificando, um pouquinho, essa relação, porque... Eu até me assustei quando uma menininha de três anos virou e: “Tio, eu quero jogar o jogo. E a mãe vira e fala: “Você não sabe ler”. “Sei sim”. Ela leu a figura.

Então, vamos dar vazão à leitura descritiva, porque podemos brincar nesse tipo de leitura e também podemos ajudar a criança a entender o seu mundo.

Durante esses 20 anos atuando na Saúde, hoje conseguimos entender, até pelo Fumcad, a contrapartida do Viva é levar a contação de história para muitos educadores, muitos professores, que se esqueceram da contação de história. E estamos fortalecendo, também, as bibliotecas.

O Viva está aqui, na Santa Cecília, e temos a Biblioteca Monteiro Lobato, ao nosso lado. Mas recebemos tanto livro que acabamos de tombar uma biblioteca com 2.400 livros. E, em parceria com a Biblioteca Monteiro Lobato, expandiremos a leitura.

Temos de aproveitar esse movimento, porque muitas empresas adotam o programa Eu Abraço a Educação, tais como os Bancos Bradesco, Itaú. É uma pena, né, porque se todos, de fato, botassem esses recursos para abraçar a Educação, acho que teríamos resolvido, essa situação.

Então, eu vejo um outro fato muito importante. Alguns hospitais nos chamaram para falar o seguinte: “Eu tenho criança que está tendo criança”. Meninas de 12, 13 anos estão engravidando e a infância delas já foi para o ralo. Pensando nisso, dentro de um hospital, em Jundiaí, estamos trabalhando exatamente do ventre à primeira infância. Então, vamos contar história para a barriga. Desenvolvemos um curso onde empoderamos essas mães jovens a entenderem o quanto é importante elas começarem a ler para o seus filhos.

Então, existem alguns paradigmas, dentro da leitura, que, de fato, precisamos dismantelar. A criança, hoje, vem mais ávida, porque ela tem isso aqui nas mãos. Eu também tenho três netos, que estão na primeira infância, e é extraordinário como tentamos tirar isso daqui e trazer o livro. Então, eles já são provocados a atuarem com isso aqui, a utilizarem menos o cérebro, porque o cérebro está aqui.

Portanto, acho que vale a pena explorarmos essa visão do brincar, favorecendo o poder da leitura dentro desse brincar. Eu não vejo muito essa relação. Se eu estou contando história desde que a criança é bebê, e isso eu tenho em casa... Eu tenho uma de oito que, com quatro anos, já criava e já construía histórias. Eu tenho um de um ano, agora, que já abrimos o livro e ele fica fascinado só com o movimento. Então, acho que podemos desmistificar aquela coisa que, no passado, leitura era obrigatória e hoje temos a leitura como um processo de diversão e de prazer, dentro desse contexto.

A SRA. (NÃO IDENTIFICADA) – Só queria complementar o que o Valdir está dizendo. Uma coisa não está dissociada da outra. Então, o prazer de brincar e a leitura não podem estar dissociados. Portanto, a criança – e eu concordo com você -, ela começa a brincar de ler primeiro. Ela não deixa de ler.

Um ponto que eu queria trazer, um pouquinho para a realidade nossa, diz respeito às escolas particular e municipal. A criança da escola particular, a partir dos três anos, já está sendo alfabetizada. Isso não significa que ela saiba abrir um livro e ler o que está escrito. Ela recebe um processo técnico para que ela possa adquirir essas habilidades para leitura. Isso é extremamente importante para o desenvolvimento da criança como um todo, inclusive no desenvolvimento do brincar. O brincar é muito importante sim para a criança pequena, mas também construir habilidades cognitivas, que vão lhe dar base para que consiga ler e escrever. Aí vou um pouco além. Falo também da alfabetização da matemática. Nós temos índices péssimos aqui no Brasil. Isso tudo começa na primeira infância, e um bom pedagogo ou um bom professor vai saber técnicas para lidar com isso, de forma que não seja obrigação, e sim um prazer, um ato de como a criança consegue se expressar, que é o brincar, mas, que, por trás, estão várias ferramentas e habilidades que elas devem sim ter. Assim como as crianças da escola particular têm, as crianças do nosso município também têm que ter essas habilidades.

NÃO IDENTIFICADO – Posso complementar?

NÃO IDENTIFICADA – Pode, claro. (fora do microfone)

NÃO IDENTIFICADO – Eu vou usar um pouco da minha experiência como pai e como voluntário. Eu faço um trabalho de grêmio estudantil em escola de fundamental, estadual, na cidade de Carapicuíba, que é extremamente pobre. Então, a gente tem que tomar muito cuidado quando usa também das nossas experiências, porque, nas escolas onde eu vivi e a escola das minhas filhas, eu tenho, graças a Deus, o privilégio de colocá-las numa escola boa. Eu vejo como a criança é cuidada, como a criança é tratada. Eu vejo o quanto a criança brinca de forma lúdica, porém orientada para um aprendizado, e, ao mesmo tempo, quando eu vou fazer um trabalho voluntário numa escola que não é tão preparada, em uma comunidade extremamente pobre e carente, vejo que são pais que têm que sobreviver para chegar a dar qualquer pequena coisa para os filhos. São pais que usam drogas, são pais que abandonam crianças. Então, voltando um pouco no projeto de lei, eu acho que é extremamente importante somar um pouquinho. Eu acho que a gente tem que sim contar com parcerias das organizações sociais, que já fazem um trabalho fantástico, desde as monstras das grandes fundações e institutos, até das pequenas Ocips(?), com boa intenção, e, ao mesmo tempo, considerar o cenário da criança que a gente quer atingir também. Posso estar falando uma besteira, porque não tenho os números aqui, mas a grande massa das crianças carentes vive num cenário de extrema dificuldade, e é aí que a gente tem que, talvez num projeto de lei, considerar o uso dessa verba, abrindo isso para todos os cidadãos, sem dúvida, tomando em conta a dificuldade da vida daquela própria criança, e aí pensar na brincadeira, pensar na leitura, pensar no ensino e pensar na capacitação do entorno daquela criança, na nutrição, em todos os pontos, para que a criança realmente tenha acesso àquilo que o projeto talvez queira dar para ela.

NÃO IDENTIFICADA – A minha colocação não significa que eu sou contra a leitura.

O que eu observo, inclusive no meu trabalho terapêutico, é o quanto eu recebo de crianças que, depois quando chegam lá, com oito ou nove anos, têm problemas de leitura, escrita, dificuldade de compreensão, problema de processamento auditivo central, com dislexia e com um monte de coisas. Isso ocorre porque, lá atrás, essa criança não pisou na areia e não brincou com massinha. Há a leitura e o brincar com a leitura. As palavras são diferentes. Uma criança de três anos ler e uma criança de três anos brincar com a leitura são conceitos totalmente diferentes, e eu trabalho, com crianças, também dentro da minha ação voluntária. A Missão Cena atende a usuários de drogas ali na Cracolândia, e eles têm a Creche Esperança, para crianças de zero a seis anos, filhos desses que estão ali pela rua. Se não estivessem ali, na Creche Esperança, ficariam ali o dia inteiro. Estariam na rua junto com os seus pais na Cracolândia; e a gente faz um trabalho de estimulação de linguagem com essas crianças. Então, o meu olhar também é observando essas crianças, o quanto elas são expostas ao brincar, ao brincar de ler. Aí se percebe a diferença numa parede onde há desenhos, de fevereiro, quando as crianças chegam, e desenhos de setembro e outubro, quando foram trabalhar. De fevereiro, é aquele painel preto ali. De setembro, o painel é lindo e colorido. Os desenhos das crianças são encantadores. Então, eu penso que a gente tem que olhar para as nossas crianças. Elas precisam ser crianças. Elas estão sendo muito exigidas a entrar para o mundo do adulto muito cedo. Precisam ser crianças.

A SRA. JANAÍNA LIMA – Dando sequência às duas últimas perguntas, tem a palavra o Sr. Laerte Brasil, nosso querido amigo, que sempre está aqui na Câmara, prestigiando todos os Vereadores.

O SR. LAERTE BRASIL – Eu sou chanceler global de assuntos diplomáticos da unesca, que é o cosmos universidades das nações unidas, educação e cultura das cidades,

uma universidade... Nós somos, constituímos já, seguindo 95 países, e também o presidente nacional e mundial da uniglobal, trabalho e cidade, que é uma central sindical mundial também. Primeiramente parabenizar aqui o gabinete, a Vereadora Juliana, de realizar esse grande debate de políticas públicas para a infância, adolescência e juventude aqui na cidade de São Paulo, e a todos e todas, especialmente os internautas, que estão nos acompanhando, pela rede mundial de computadores, tablets e celulares.

Eu morei, durante dez anos, na Europa, em Portugal, oportunidade de me formar em engenharia do esporte. Fiz faculdade superior de circo. Me especializei no globo da morte no motociclismo e no ciclismo, e fiz fisioterapia e jornalismo; mas eu trago um gráfico aqui alarmante. Só, na cidade de São Paulo, hoje nós temos 95 mil crianças numa faixa etária de 8 a 17 anos, vamos dizer, adotadas pelo tráfico de drogas. Em toda a Cidade, chega a 385 mil. Isso é um verdadeiro absurdo. Enquanto, vamos dizer, a gente, pesquisamos 65% das quadras aqui das escolas, com tudo sucateado aí, cerca de 85 na Cidade e(?) no Estado de São Paulo, e as quadras (inaudível) liberadas para o tráfico de drogas, onde, vamos dizer, os profissionais da Educação, da Educação, são ameaçados... Péssimo trabalho, trabalho em péssimas condições, e ameaçado sua vida, porque nós temos um governador aí que, ele fala, vamos dizer, fim para os traficantes de droga e (inaudível) fala grosso para os usuários de droga. Inclusive, até compartilha com o, vamos dizer, o tráfico de drogas aqui no Estado, e com o crime organizado; mas isso é um verdadeiro absurdo.

Do dia 38(?) para cá, pesquisa que (inaudível) inclusive vamos mandar esse para ONU, 85 mil, vamos dizer, crianças, numa faixa etária de 8 a 21 anos foram, 85, 855 mil foram assassinadas pelo tráfico de drogas e grupo da segurança da Polícia, que montaram máfia, enquanto colocava, vamos dizer, esses menores para vender droga e praticar crime, depois vinha matando em chacina, como queima de arquivo. Isso as autoridades vão dizer, omissa no país. É um verdadeiro absurdo. Eu (Inaudível) nessa visão, vamos dizer, um dos dois eixos, vamos dizer, global de sustentabilidade, tanto da unesca e da uniglobal, é que para investir,

vamos dizer, é preciso investir hoje, vamos dizer, em políticas públicas, de formação do novo cidadão, que é a criança, infância, a criança e o adolescente, a juventude, para formar uma nova sociedade, uma nova sociedade para o mundo do trabalho e empreendedorismo, mas essa formação, (inaudível) a formação das políticas públicas em cima da infância e da juventude e da criança, até agora, foram bala. Essa é a política pública (inaudível) no país até hoje.

Eu (inaudível) no país também, vamos dizer, seis anos atrás, quando eu denunciei o Governador Sérgio Cabral, a (inaudível) daquela toda máfia, com aquela, todas as empresas que eles tinham para roubar cerca de 40 bilhões da sociedade do Rio de Janeiro, eles me ameaçaram no Rio. Colocaram grupos atrás de mim, dizendo que era mentira. O Ministério Público e as autoridades ficaram omissos. Hoje, a casa caiu. Ele ficou preso. E o Pezão está no governo, agindo no Governo do Estado. E quando denunciei o Geraldo Alckmin também, há oito anos, quando ele montou uma máfia das merendas escolares de 85 cidades do Estado.

As autoridades da Lava Jato não deram um sacode no Governador e seus comparsas no Estado.

Digo que o Geraldo Alckmin além de ladrão é covarde, porque tem uma operação para roubar cerca de 100 bilhões aqui, ele e o seu comparsa, o Michel Temer, enquanto fazem operação terrorista (ininteligível) com tática de vampiros... (ininteligível). Mas esse é o Fórum.

Vou denunciar todos os crimes depois. Vou denunciar na ONU.

Vou denunciar essa falácia macabra, essa máfia promovida por esses malfeitores e ladrões do Estado que, durante esses longos anos vêm sucateando os cofres públicos, limpando os bolsos da nação brasileira e colocando o nosso país na bancarrota.

Então, esse projeto é de grande relevância. Estão de parabéns e vai resgatar a cidadania da criança, levando-a a um futuro melhor.

As crianças e os adolescentes são o futuro da nação.

No dia 30 de abril (ininteligível)

Era o que eu tinha para dizer.

Obrigado pela palavra.

A SRA. SARA – Boa tarde a todos. Meu nome é Sara. Eu atuo no Instituto Olinto Marques de Paulo, que tem como principal objetivo um projeto de formação continuada para educadores da rede pública, direta ou conveniada.

Atualmente, estamos em 19 unidades educativas, com parceria com a DRE Capela do Socorro e Santo Amaro, na zona Sul, e a gente tem percebido o quanto a criança fica dentro das creches, diferentemente de algum tempo atrás, e o quanto esses educadores estão despreparados, já que a criança que eles estudam na faculdade não é a mesma criança que eles recebem na creche.

A minha pergunta – também parabenizando a sua resposta e as pessoas da Mesa que falaram no brincar, porque a gente tem como principal eixo o brincar, como promotor do desenvolvimento motor, linguístico e cognitivo, para termos uma criança, um ser humano, além da sua integralidade, um ser humano autônomo no futuro, uma vez que falamos que as crianças são sementes vivas de um futuro que nós não veremos. Que sementes são essas que estamos plantando hoje?

A minha pergunta é: na proposta haverá possibilidades de formação para esses educadores, uma vez que no calendário atual inclusive reduziu a formação dos educadores?

(NÃO IDENTIFICADA) – Primeiro, muito obrigada, Laerte, pelas suas colocações.

Sara, ótima pergunta. Claro que faz parte, sim. Inclusive, estou tentando articular uma parceria com a Harvard Brasil para trazer as quatro principais aulas que mais me chamaram a atenção, que mais me motivaram e que, realmente, me impactaram pessoalmente, para formar não só os gestores públicos, mas, também, os gestores que trabalham na iniciativa privada. Que, realmente, a gente consiga promover uma capacitação

que atenda não somente aquele que trabalhe no setor público, mas toda e qualquer pessoa que trabalhe com criança e que não precisa alguém que trabalhe, mas que seja uma mãe. Eu queria aprender mais sobre meu filho, eu quero saber como interagir com meu filho. Então, a gente quer criar um espaço para que a gente consiga trazer os melhores do mundo para desenvolver e compartilhar esse conhecimento com toda a nossa Cidade para que de fato a gente comece dando um pontapé gigante do diálogo e da emancipação dessas crianças nos sentido de trazer o brincar como uma força de desenvolvimento, mas mais do que isso que os pais, os professores, os gestores, os agentes de educação entendam o que é esse brincar, como é feito esse brincar, o quão simples é esse brincar.

Às vezes a gente fica conversando nessa troca e parece que é uma coisa inatingível, algo que não é possível e vi várias coisas, por exemplo, com garrafa pet e colocar arroz e feijão e sacudir para essa criança. Sons. Depois você colocar o lacre da latinha na garrafa e você tem outro som. Você está estimulando e fazendo uma troca com a criança. São coisas simples.

Minha querida Maria Cecília falava muito do Jackson Cofie e a aula dele foi uma das mais impactantes que eu tive e ele apresentou a teoria da mudança: nenhuma realidade é mudada se ela não é co-criada. Então, o que estamos fazendo aqui? Estamos construindo de forma coletiva uma nova visão não somente de educação, mas de política pública de primeira infância, trazendo um olhar da saúde, da educação, da assistência, da cultura, do esporte. É realmente a gente fazer algo inovador, transformador e levar esse conhecimento não somente para as escolas, para os postos de saúde, mas para dentro dos lares de todos os paulistanos.

Assim, gostaria de saber se alguém mais gostaria de se manifestar.

(NÃO IDENTIFICADO) – Gostaria de fazer uma perguntinha para você, para terminar. No que o seu projeto está efetivamente fazendo uma diferença na questão de resolver o problema de creches para todas? Com todo o respeito, quando você diz – como uma

crítica – que hoje a criança fica muito tempo na creche, vendo isso com uma visão negativa, como o despreparo que hoje os pais têm e com a necessidade de trabalho, às vezes o pessoal fica três horas no ônibus para trabalhar e volta para casa à meia-noite e sai às 5h. Com essa situação, é uma salvação para a criança. Você tem toda a razão quando você se refere a um país desenvolvido, com pais mais avançados, com mãe com preparo e tempo para dedicar à criança, caso contrário eu acho a creche neste momento uma proteção, uma salvação.

Então, queria saber da Janaína se esse projeto contempla também essa questão de aumentar a oferta de vagas em creches porque não é justo, não é democrático termos crianças que já estejam com o futuro comprometido porque não vão desenvolver o cérebro logo que nascem. Tem um médico que fez uma comparação: é como jogar o cérebro no lixo, se não se faz nada.

Então, toda a criança tem de ter essa oportunidade. Queria saber da Janaína como esse projeto poderá estar contribuindo para essa questão de vagas, eventualmente.

O SR. _____ - Vereadora, então, para encerrar a minha participação, acho que não fui muito claro. Obviamente, uma criança de três anos não vai ler a coleção do Monteiro Lobato inteira, é pura lógica, nenhum superdotado vai chegar a isso.

Se formos consultar essa importante coleção da Prefeitura de São Paulo sobre a questão da literatura infantil, obviamente o espaço de livros para crianças de 3 a 6 anos será reduzido ainda. Mas tem um volume, mas claro que não comparado a livro para 12, 13.

Então, tudo isso... O que eu lamento muito é a falta... De 2006 para cá, não se publicou... A Secretaria de Cultura não fez mais as coleções de literatura infantil e infanto-juvenil. Então, é até uma certa obscuridade, uma lacuna histórica para que... Livro é adequado para 3, para 4, para 10, para 15. Tudo isso. E, obviamente, que o brincar é prioridade e isso a família tem de incentivar, a creche, a EMEI. É sempre importante falarmos, aqui, sobre a questão da Escola Municipal de Educação Infantil, que atende crianças de 4 a 6 anos. Isso foi algo muito bom que a cidade de São Paulo fez, mas que hoje está, um pouco, de escanteio. A questão das EMEIs foi até pequena, nos últimos anos. É lamentável também, como aconteceu

com a creche.

E, também, para deixar claro sobre a questão dos prazos orçamentários. Daqui a quatro dias o Plano de Metas chega aqui a esta Casa. Daqui a 19 dias, a Lei de Diretrizes Orçamentárias chega a esta Casa. Queria muito que a sociedade civil – e aqui há pessoas muito experientes e legitimadas para isso – cobrasse do atual Prefeito João Doria Jr. quais, afinal, são as prioridades dele para as crianças de zero a seis anos. Gostaríamos de saber. Se não tiver no Orçamento, não vai sair. É uma questão que a própria legislação orçamentária preceitua: se não estiver no Orçamento e na Secretaria correta... Porque, às vezes, está... É o caso, por exemplo, das políticas voltadas para os idosos. Colocam na Secretaria errada e não sai. É algo absurdo. Por exemplo, Direitos Humanos, se é da Assistência Social, se é Saúde.

Como a Secretaria de Direitos Humanos foi mantida, nesta Gestão, sugiro que demandas da Secretaria de Direitos Humanos fossem, também, canalizadas para esse tema.

Por ora, é isso.

Muito obrigado.

A SRA. (NÃO IDENTIFICADA) – Excelente contribuição. Mas eu vou pedir só que façam intervenções muito curtas, porque está acabando o nosso tempo. Temos cinco minutos para encerrarmos a audiência pública.

Então, claro, todos têm de ter voz, mas só vou pedir uma intervenção menor.

O SR. (NÃO IDENTIFICADO) – Só gostaria de sugerir a inclusão do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente como órgão, para poder, talvez, acompanhar as políticas que o Poder Público propuser, porque, de certa forma, ele é responsável pelo acompanhamento da implementação e, também, pela sugestão de novas políticas públicas no Município. E, também, pelo fato de que ele é composto por conselheiros, tanto da sociedade civil como do Governo. Neste momento, de uma forma muito interessante, os conselheiros de Governo, que fazem parte do Conselho Municipal, são todos os Secretários Adjuntos das Secretarias. Então, são pessoas capacitadas – e isso é muito bom -, diferente do que já vimos em gestões anteriores, que mandavam qualquer um para ser conselheiro. Obviamente, que o Governo tem os seus interesses em ter posto essas pessoas lá, mas, por outro lado, levamos uma vantagem nesse sentido. E o Conselho, com certeza, vai cobrar, vai ajudar a cobrar o Poder Público. Então, seria interessante incluir o Conselho Municipal no CMDCA.

A SRA. (NÃO IDENTIFICADA) – Gostaria de dar os parabéns a vocês e reforçar o que ela falou a respeito da capacitação docente. Acho que é um tema muito importante. Eu já trabalhei muito tempo em CEI. Os nossos docentes estão ávidos em aprender. São excelentes profissionais em sua maioria. Então, eu quero deixar claro aqui que, logicamente, há defasagem sim, principalmente na nossa formação universitária, e posso falar com propriedade, pois sou pedagoga também; mas os docentes que estão no dia a dia com as nossas crianças estão ávidos por aprender novas técnicas; eles estão ansiosos por ter essa oportunidade. Então, de repente, interessariam parcerias com entidades que possam vir a reforçar essa capacitação para que a gente possa utilizar de todas as técnicas possíveis que existem e que são excelentes. No Brasil e também foram temos bons desenvolvedores disso, mas que elas possam usar essas técnicas para que as crianças possam ter o benefício, pois irão brincar e estarão aprendendo sem entender que estão na obrigação de aprender.

(NÃO IDENTIFICADO) – Uma última e rápida participação. Estudos mostram que quanto mais tempo de escola mais capacitada a assimilar a criança está, e quanto antes ele entra na escola melhor para ela em termos de resultados.

Quero enfatizar que na escola onde sou voluntário há crianças de 9 anos que não sabem ler e escrever porque nunca ninguém percebeu que eles tinham problema de visão. Vi que você tem um tema no seu projeto relacionado à ampliação dos exames de rotina, saúde bucal, ocular e auditiva. Não vejo em nenhuma escola nenhum projeto que, de fato, leve o profissional especialista no assunto a promover educação e exames relacionados ao tema. Tão importante quanto trabalhar o social é entender aquela criança e as dificuldades que ela naturalmente tem, às vezes criada por um adulto, às vezes dela mesma, para que a gente dê, na primeira infância, a possibilidade de essa criança estar bem formada para aprender realmente a ler e a escrever a partir dos 6 anos.

É muito triste, em função da correria do dia a dia ou da não incapacidade do professor – uma vez que o próprio sistema não muito está preocupado -, percebermos que crianças estão sendo levadas para o Fundamental II, etapa tão importante, sem saber ler e escrever e que depois, certamente, irão abandonar a escola. Essa era a minha última

contribuição.

(NÃO IDENTIFICADA) – Então, você estava dizendo da questão de recursos para dar conta de tudo o que tem que ser feito, inclusive para construção de creches ou reforma de prédios. Hoje à noite Bia e Doria estarão no Theatro Municipal às 19h30min – com entrada gratuita a todo paulistano que quiser ir – para justamente falar sobre o Fumcad – Fundo Municipal da Criança e do Adolescente, que se beneficia da destinação de 6% de pessoa física e 1% de pessoa jurídica, para que tenhamos recursos para todos os gastos.

(NÃO IDENTIFICADO) – Sobre essa questão do enxergar, eu acho que realmente passa muito pela capacitação dos professores para perceber o que acontece. Eu trabalhei em uma organização social em que fizemos um projeto financiado por uma Fundação particular que faz acompanhamento oftalmológico e auditivo para crianças. Fomos conversar com as escolas do entorno, porém elas não mandavam os alunos. É como se não houvesse nenhum aluno com problema.

(NÃO IDENTIFICADO) – Às vezes o pai é ausente. É difícil também mandar um aluno.

- Manifestações fora do microfone.

(NÃO IDENTIFICADO) – Mas, se você não tem um consultório móvel, você oferece o local onde você está, não é?

- Manifestações fora do microfone.

(NÃO IDENTIFICADO) – O meu está mais ligado à questão esportiva. Creio que há um programa dentro do Esporte que pode ser agregado, o Ruas de Lazer, que fornece todo o material didático para as crianças. Dentro da política de Assistência Social, também temos um

núcleo intergeracional, que atende de zero a cem anos de idade, toda a família. E no Capão Redondo tem um. Novamente, quando você falou em Capão Redondo, me lembrei desse serviço oferecido pela SMADS, que contempla toda faixa etária. Acredito muito no vínculo familiar e na questão do vínculo comunitário. Isso tem que estar muito bem trabalhado.

A SRA. JANAINA LIMA – Excelentes colocações. Eu só vou tentar fazer um apanhado para eu responder e para que possamos encerrar a audiência no horário.

Em relação ao orçamento, quero dizer o que eu já fiz para o orçamento da Secretaria Municipal de Educação. Todo Vereador tem uma verba que administra mensalmente e um número “x” de assessores. Reduzi o meu gabinete pela metade, inclusive orçamentariamente. Todo esse valor vai ser devolvido aos cofres. Articulamos com a Casa para devolver esse valor e, após uma conversar como próprio Prefeito, redirecioná-lo à Secretaria de Educação, com cujo Secretário, Alexandre Schneider, já estamos em contato para fazer um projeto de educação de primeira infância, que inclusive conta com o apoio da Maria Cecília e de um grupo grande que ela articula, para que possamos dar um apoio à Secretaria Municipal de Educação, para que isso vire uma realidade.

É essencial trabalharmos a questão orçamentária, e a criança tem que ser uma prioridade, a começar pelo orçamento. Quero dizer, portanto, do meu empenho e interesse em ver sua sugestão se tornando realidade.

Acho que as ruas de lazer é algo essencial. Foi muito falado isso em Harvard. Há até alguns exemplos aqui mesmo em São Paulo. Se muito se fala do TEG, do transporte, da criança, da escola, por que não fazermos com que essa ida e volta entre casa e escola também seja algo prazeroso, educativo, lúdico e interativo com a família?

São várias sugestões que poderão ser contempladas com essa redução, com essa verba e também com metade da verba da minha emenda, que foi para a Secretaria Municipal de Educação. Então, vou encerrar os meus quatro anos de mandato encaminhando dez

milhões de reais à Secretaria Municipal de Educação, dando uma contribuição para que tudo isso que estamos pensando e sonhando como uma diretriz de política pública voltada à primeira infância, alinhada a todos os projetos que esta Casa já possui a fim de que haja recursos se torne realidade.

Acredito que, com um projeto dando uma diretriz clara, poderemos buscar parceiros na iniciativa privada, na sociedade civil para que cada vez mais os braços do Poder Público sejam aumentados e que consigamos, de fato, cada vez mais, obter mais eficiência e uma melhor gestão. E, mais do que isso, que o sentimento de comunidade, de pertencimento e de engajamento da sociedade seja uma realidade nesta nova era da política pública, em que o cidadão toma para si a Cidade que ele quer e faz acontecer.

Sendo assim, declaro encerrados os trabalhos da primeira audiência pública de políticas públicas, deixando o registro de que todas as sugestões do cidadão que está nos acompanhando *on-line* sejam enviados ao meu gabinete: janainalima@camara.sp.gov.br . Todos vocês aqui presentes receberam o cartão do nosso gabinete. Vamos juntos construir a São Paulo que todos os paulistanos merecem, a começar por aqueles que lutam para falar. Esta audiência pública é para dar voz àqueles que lutam para falar.

Muito obrigada. (Palmas)

